

TEREZINHA DE QUEIROZ ARANHA

**SIGNIFICAÇÃO DO  
ESTUDO DA SECA  
PARA A UFRN**

**EDUFRN**  
Editora da UFRN



**TEREZINHA DE QUEIROZ ARANHA**

Coordenadora do Nut-Seca e do Semi-árido da UFRN

# SIGNIFICAÇÃO DO ESTUDO DA SECA PARA A UFRN

Conferência realizada em Natal, a 24  
de agosto de 2005, no XI Seminário  
de Pesquisa do CCSA/UFRN.



TERCEIRA DE DEBIDOS ATRASOS

CONSTITUCION DE DEBIDOS ATRASOS

# CONSTITUCION DO ESTUDO DA SECA PARA A UFPA

Comissão de Estudos em Geral, a 24  
de agosto de 1964, no 1º período  
de sessões de CONSELHO



## APRESENTAÇÃO

A história de todas as universidades do mundo está intimamente relacionada com as questões do seu tempo e do meio social no qual elas são edificadas. Elas surgem para suprir necessidades de produção de conhecimento, transmissão de cultura, formação profissional e intelectual de suas elites (desde a Idade Média) ou preparação de mão-de-obra qualificada e produção de tecnologia (no mundo moderno). É dessa forma que as universidades cumprem o seu papel social e justificam a sua presença no seio da sociedade.

Refletir sobre as questões que deram origem a uma instituição universitária é contribuir para a recuperação de sua história. O passar do tempo, as mudanças de rumo das instituições, as novas exigências que se colocam para o aprimoramento do seu papel social, vão apagando marcas, destruindo referências, quebrando o imenso novelo produzido por milhares de jovens estudantes, professores, dirigentes, servidores em geral, que com o seu trabalho responderam aos desafios do seu tempo.

A importância deste trabalho é contribuir para o conhecimento da história da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, refazendo a trajetória do debate acerca de um tema que atravessa os tempos, marcando de forma definitiva a nossa região: a problemática da seca. A seca que, muito mais do que um fenômeno natural, se transformou no Nordeste em um grave problema social e político.

E ninguém melhor do que a professora Terezinha de Queiroz Aranha para refazer essa trajetória. A sua vitalidade, o seu compromisso com o seu tempo, o seu amor pela universidade, além da sua sagacidade intelectual e do seu espírito de luta, só comparável ao espírito de luta dos filhos da seca, poderiam refazer esse caminho. Tendo acompanhado desde os anos 1950 o debate acerca desse problema, seja nos movimentos da Arquidiocese de Natal, seja nos primeiros passos da Escola de Serviço Social, foi uma das primeiras professoras a responder ao apelo do Reitor Diógenes da

Cunha Lima, quando da criação do Projeto Rio Grande do Norte, assumindo a temática da seca como a temática de sua inserção no projeto. Ali, ajudou a criar o Núcleo da Seca, espaço de pesquisa e reflexão ao qual Tereza tem dedicado a sua vida, mesmo depois de sua aposentadoria na universidade. Se a professora Tereza se aposentou, a pesquisadora Tereza continuou o seu trabalho incessante de tentativa de fortalecimento do Núcleo da Seca. Essa era e é a sua missão. Durante anos, garimpou documentos, entrevistou pessoas, apoiou pesquisadores novos, acolhendo qualquer um que chegasse ao Núcleo em busca de dados sobre a seca. Enfrentou todas as dificuldades, conheceu a adversidade de estar dentro e fora da universidade ao mesmo tempo, recebeu o apoio de uns, a indiferença de outros, mas nunca desistiu da sua luta, do seu empenho em dotar a Universidade Federal do Rio Grande do Norte de um espaço de pesquisa que fosse referência em todo o Nordeste para o estudo da problemática da seca.

Em 2005, o Núcleo está completando 25 anos. O resgate feito por Tereza da importância dessa temática para a história de nossa universidade, durante o Seminário de Pesquisa do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, para comemorar esse aniversário, merecia ser registrado e é esse o presente que a UFRN, através da sua Editora, dedica ao Núcleo e a sua fiel escudeira.

Ilza Araújo Leão de Andrade

Pró-Reitora de Extensão da UFRN



## SUMÁRIO

1. A função social da velhice, segundo Marilena Chauí, 7
2. Contextualizando o início da década de 1940, 8
3. A criação da Legião Brasileira de Assistência (LBA) e do Centro de Estudos Sociais como repercussões, da II Guerra Mundial e da seca de 1942, 10
4. O Centro de Estudos Sociais, a seca de 1942 e a Escola de Serviço Social de Natal, 12
5. Sobre a seca de 1958, 15
6. Primeira experiência: Plano de Ação Departamental 1978-1982, 21
7. A correlação entre o Departamento de Serviço Social e a Problemática da Seca, como parte do Projeto Rio Grande do Norte: ação institucional inovadora do Plano de Ação da Universidade 1982-1983, 27
8. Contexto Institucional do Programa "A Problemática da Seca no Rio Grande do Norte: PDCT/NE - ESAM, CNPq/IBICT e FUNPEC, 29
9. Segunda experiência: o Núcleo Temático da Seca, como mecanismo de contraponto com a História Oficial Celebrativa, 32
10. Uma afirmação, um apelo e uma conclusão, 36
11. Referências, 37

The following table shows the changes in the number of persons in the United States from 1800 to 1900. The population in 1800 was 3,900,000 and in 1900 it was 76,000,000. The increase is 72,100,000 persons, or 18.5% per century.

Year	Population
1800	3,900,000
1810	5,300,000
1820	9,600,000
1830	12,900,000
1840	17,000,000
1850	23,000,000
1860	31,300,000
1870	38,500,000
1880	50,200,000
1890	62,900,000
1900	76,000,000

The following table shows the changes in the number of persons in the United States from 1800 to 1900. The population in 1800 was 3,900,000 and in 1900 it was 76,000,000. The increase is 72,100,000 persons, or 18.5% per century.



## 1. A função social da velhice, segundo Marilena Chauí

Antes de falar sobre a significação do estudo da seca para a UFRN, eu quero me reportar a alguns trechos da profa. Marilena Chauí, na apresentação da tese de doutorado da profa. Ecléa Bosi, denominada “Lembranças de Velhos”, defendida na USP e depois transformada no livro “Memória e Sociedade”, editado pela Edusp no ano de 1987.

Se assim o faço é por me considerar partícipe desse período de vida e por isso utilizo trechos dessa reconhecida intelectual, para justificar a transmissão aqui de duas experiências que vivenciei ao longo do meu percurso acadêmico.

Segundo Marilena Chauí, “a função social do velho é lembrar e aconselhar, viver o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir”. A sociedade capitalista, segundo essa filósofa, “desarma o velho, mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela *história oficial celebrativa* [...]”.

Ser velho, em nossa sociedade, é “lutar para continuar sendo homem pois a opressão da velhice se realiza de múltiplas maneiras; algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas, por intermédio de mecanismos institucionais visíveis, como por exemplo, a burocracia da aposentadoria e dos asilos [...]”. Todavia, “a memória não é oprimida apenas por que lhe foram roubados suportes materiais nem só porque o velho foi reduzido a monotonia da repetição, mas também porque *outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança*: ‘a história oficial celebrativa’, cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos”.

Felizmente, resolvi me rebelar contra a aposentadoria, “essa opressão tacitamente permitida”, e com enormes sacrifícios preferi enfrentar barreiras internas e externas, procurando sair das “sombras do vale e escalar a montanha, antes que a noite chegue”, como nos ensina o prof. de Yoga, o norte-rio-grandense José Hermógenes. Por isso, estou hoje aqui.

## 2. Contextualizando o início da década de 1940

Período demarcatório para o início das tarefas acadêmicas de Serviço Social em Natal, visualizamos a existência de dois acontecimentos preocupantes, que marcaram o Rio Grande do Norte neste período: a II Guerra Mundial e o fenômeno da seca.

Para falar sobre a Segunda Guerra Mundial, precisamos nos reportar à década de 1930, chamada “Era Vargas”, geradora de uma série de conflitos (controlados pelo Governo Central), entre os quais se destacam a Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, e a Rebelião Comunista de 1935, ocorrida primeiramente em Natal, e depois no Recife e Rio de Janeiro.

Nesse ambiente e “querendo” a todo custo manter-se no poder, Getúlio Vargas preparou e efetivou o “Golpe de Estado” em 1937, cuja etapa inicial foi a decretação do “estado de sítio”, usando o forjado “Plano Cohen”, que, segundo o historiador pernambucano Armando Souto Maior, “consistiria na implementação do comunismo no Brasil e no assassinato de centenas de figuras da política nacional”.

Nesse clima de ebulição político-econômica, encontrava-se o Brasil quando, em 1939, eclodiu a II Guerra Mundial, ocasião em que o “Governo Americano passou a exercer uma pressão diplomática”, exigindo do Brasil um posicionamento claro e incisivo sobre o assunto.

No livro *História Sincera da República - de 1930 a 1960* - 4. ed. (1976), Leôncio Basbaum, falando sobre a mencionada problemática, diz que a questão da “cessão de bases aéreas e navais no Nordeste era tão fundamental na cooperação militar entre o Brasil e os Estados Unidos que se nós falharmos, os Estados Unidos irão ao extremo de instalar e utilizar essas bases, mesmo pela força”.

Apesar dos pontos de vista discordantes de Getúlio contra a política americana, o Brasil levou em conta que a economia brasileira não podia se manter sem a ajuda dos Estados Unidos, pois a Alemanha, no aspecto econômico, não era suficientemente forte para substituir a ajuda americana.

Por outro lado, o comércio com a Europa estava bloqueado pela presença de submarinos e navios de guerra.

Nessa circunstância não havia outro caminho senão concordar com os Estados Unidos, considerando sobretudo a simpatia do povo brasileiro pela nação americana.

A partir daí, dois fatos fortaleceram a posição assumida pelo governo brasileiro:

- O acordo que permitiu aos Estados Unidos a instalação das bases de Natal, Belém e Recife.
- O rompimento das relações do Brasil com os países do Eixo, após o afundamento de cinco navios brasileiros, em 1942, perto de Sergipe.

As consequências políticas e econômicas da implantação da Base Aérea de Parnamirim foram explicitadas no livro *Igreja e Desenvolvimento: o Movimento de Natal*, do Pe. Alceu Ferrari, editado pela Fundação José Augusto em 1968, quando assinala:

As Bases Aérea e Naval, as linhas internacionais, a demanda de domésticas, o desenvolvimento do comércio, o aparecimento de novos hotéis, bares e cinemas, vieram criar um grande número de novos empregos (FERRARI, 1968, p. 5).

No livro *História da Cidade do Natal*, Câmara Cascudo destaca também a importância da Base Aérea de Natal, quando assinala "vale a pena lembrar que a Base Aérea de Natal teve mais importância na vitória desta guerra, do que outro qualquer lugar".

Outras informações remetem para as consequências sociais, advindas desse episódio bélico, inédito à cidade de Natal e ao Estado do Rio Grande do Norte.

Essas informações decorreram de entrevistas realizadas por um grupo de professores do Departamento de Serviço Social que, por escolha do seu colegiado, elaborou um Projeto de Pesquisa (aprovado pela Resolução 95/80 de 27/06/80, do CONSEPE) que visava, como produto final, a publicação da *Memória da Escola de Serviço Social de Natal - período 1945-55* -, livro publicado em 1993 pela Editora Universitária.

A primeira dessas entrevistas foi feita em 1980 com a profa. Margarida Filgueira, que dirigiu a Escola de Serviço Social, durante 14 anos. Ela destaca:

O encarecimento da vida, o aumento da pobreza, da miséria, e a facilidade que os americanos tinham com salários à base de dólar, geraram muitas dificuldades. O povo estava despreparado para enfrentar as novas situações, entre elas, o aumento da natalidade.

Houve uma geração que ficou abandonada porque desconhecia os pais. Apareceu 'muita criança loura', era o que se dizia na época. No período da guerra, o aumento da 'população militar', não tanto quanto os americanos, criou certos problemas também de ordem econômica.

A segunda entrevista, que nos fala "de um verdadeiro horror pela convocação dos filhos para a guerra", foi feita em 1982, com a profa. Giovana Montenegro. Segundo ela, isso determinou "uma quase rejeição por essas famílias às visitas feitas por um grupo de visitadoras sociais".

Acrescente-se a esse cenário de graves problemas ocasionados pela guerra, o sofrimento trazido pelas populações interioranas que migravam em massa para Natal, em busca de melhores condições de vida, face à ocorrência da "maior seca dos últimos anos", segundo noticiava o jornal *A República* - de 26/04/42.

### **3. A criação da Legião Brasileira de Assistência (LBA) e do Centro de Estudos Sociais como repercussões, da II Guerra Mundial e da seca de 1942**

As notícias sobre a guerra e os milhares de flagelados que chegavam à cidade, diariamente, chamaram a atenção da sociedade civil e governantes, que se mobilizavam para descobrir estratégias para minimizar o sofrimento da população.

Dois grupos se destacaram em suas preocupações: um de cunho literário, formado por professores/intelectuais e alunos do Atheneu Norte-rio-grandense que se envolveram na realização de uma verdadeira demonstração de "saber acadêmico", no movimento denominado "As conferências do Atheneu", publicadas recentemente no encarte do DN - Educação, Diário de Natal de 25/05/05. Essas conferências eram feitas por alunos selecionados entre os que já exercitavam o hábito da escrita, em artigos publicados na imprensa local. A apresentação de cada conferencista era feita por professores, reconhecidos como expoentes da época, isso demonstrava o reconhecimento do interesse dos alunos por leituras, cujos fundamentos lhes credenciavam a discutir e argumentar, com professores e outros estudiosos, temáticas que se integravam no cotidiano de suas vidas e que não faziam parte das tarefas habituais dos seus cursos .

O outro grupo foi formado pelos governantes e Igreja Católica, que sentiram a necessidade de tomar medidas que "favorecessem uma transformação" no contexto social estudado.

Com esse intuito, e com reivindicações feitas às autoridades federais e estaduais, surgiram a Legião Brasileira de Assistência (LBA), que tinha como clientela específica o "combatente e suas famílias", e o Serviço Social Estadual de Reeducação e Assistência Social (SERAS), que objetivava atender principalmente a menores abandonados.

Em 18 de agosto de 1944, era fundado o Centro de Estudos Sociais, sob os auspícios da LBA e SERAS, com a finalidade de "intensificar o estudo dos problemas sociais e facilitar indiretamente a sua solução prática, pela formação de técnicos e trabalhadores sociais, dentro dos modernos princípios do Serviço Social" (MEMÓRIA DA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL, p. 116).

Esse Centro de Estudos Sociais foi, portanto, a matriz que deu origem à Escola de Serviço Social.

Sobre suas atividades, Dom Nivaldo Monte informa:

Foi muito importante para aqueles tempos. As pessoas que se interessavam pelos problemas do Rio Grande do Norte faziam parte desse Centro. Vez por outra

havia conferências. Eu me lembro que tínhamos a idéia de fundar uma Faculdade de Educação Política que seria uma seqüência do Centro de Estudos Sociais, para que se pudesse preparar pessoas que tivessem conhecimento dos problemas do Estado (BOSI, Ecléa, 1987, p.43).

Para a profa. Margarida Filgueira, o Centro de Estudos Sociais, com Aluizio Alves, Otto Guerra, Dom Nivaldo, João Wilson e outros, realizou estudos e fez levantamento do número de entidades de vanguarda que atuavam na comunidade, o que, naturalmente, deu muito apoio à escola (FILGUEIRA, 1980, p. 43).

#### **4. O Centro de Estudos Sociais, a seca de 1942 e a Escola de Serviço Social de Natal**

O artigo 2º do Estatuto do Centro de Estudos Sociais, criado em 18 de agosto de 1944, definia como sua finalidade “intensificar o estudo dos problemas sociais e facilitar indiretamente a sua solução prática, pela formação de técnicos e trabalhadores sociais, dentro dos modernos princípios do Serviço Social”.

O livro *Memória da Escola de Serviço Social de Natal* assinala em sua página 61: “quanto à idéia da criação da escola, todos concordam em afirmar haver sido da Juventude Feminina Católica Brasileira de Natal e da LBA, nas pessoas do Pe. Nivaldo Monte e do Sr. Aluizio Alves”.

Consultada sobre o assunto, a profa. Margarida Filgueira assim se expressou: “[...] a idéia sendo de Aluizio foi também da LBA, pois foi a entidade que arcou com as primeiras responsabilidades”. Quem concretizou a idéia foi o Pe. Nivaldo Monte.

O prof. Otto Guerra, que posteriormente se tornou assessor jurídico da escola, confirma:

A idéia partiu de duas pessoas: o então Pe. Nivaldo Monte, Assistente Eclesiástico da Juventude Feminina Católica Brasileira de Natal, e o Sr. Aluizio Alves, que, como Superintendente da LBA, sentiu a neces-

cidade de um tratamento mais técnico aos problemas surgidos.

Finalizando as informações sobre os motivos que levaram a criação da Escola de Serviço Social, Dom Nivaldo acrescenta:

Nosso trabalho aqui na Diocese de Natal estava sempre unido aos trabalhos particulares e ao Governo. Quando tomamos conhecimento do desejo da LBA de criar uma escola dentro dos mesmos parâmetros que impulsionaram a Juventude Católica, juntamos as nossas idéias e, então, surgiu a Escola de Serviço Social.

A escola de Natal, fundada em 02 de junho de 1945, foi a segunda escola do Nordeste e a sétima do Brasil, e teve como primeira Diretora a profa. Lígia Loureiro da Cruz, da escola de São Paulo, que juntamente com a monitora Celma Teixeira – grande incentivadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – “recebeu destas um currículo calcado no modelo europeu” e que correspondeu ao período 1945-1949.

A influência franco-belga marcou fortemente o ensino das primeiras escolas de São Paulo e Rio de Janeiro, fundadas em 1936, através da Escola Católica de Serviço Social da Bélgica.

A partir de 1942, a intensificação do intercâmbio entre as escolas brasileiras e as norte-americanas determinou uma influência dos Estados Unidos, com a concessão de bolsas de estudo, dando oportunidade a vários assistentes sociais para realizarem cursos naquele país.

Destaco aqui a primordial influência da Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social (ABESS) como entidade norteadora do ensino de Serviço Social, por promover o intercâmbio entre as escolas brasileiras, a partir da sua principal finalidade que era “Contribuir para a garantia de um adequado e satisfatório padrão de ensino, *emprestando ênfase especial ao estudo dos problemas de caráter regional* e o progressivo aperfeiçoamento das Escolas de Serviço Social”.

A escola de Natal tornou-se membro provisório da Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social (ABESS) em março de 1947, e membro efetivo em julho de 1949, uma vez que apenas em 29 de junho era defendido o primeiro Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), condição essencial para que a escola fosse filiada à ABESS em caráter definitivo.

Registro a inovação do trabalho de conclusão de curso (TCC) dentre as unidades docentes da UFRN. Sua importância como tarefa de ensino, pesquisa e extensão está configurada, primeiramente como tema desenvolvido pela Escola de Serviço Social na 6ª Convenção Nacional de ABESS, realizada em Natal no ano de 1956.

Em segundo lugar, a importância desse trabalho, que vem sendo desenvolvido pelos alunos de Serviço Social de Natal há 56 anos, representa a construção coletiva de uma Memória sobre temas variados, tais como: integração, participação, centros sociais, conselhos de comunidade, criados sobre a supervisão da escola, instituições empresariais, de saúde, de educação, família/menores e "Previdência Social", além de associações de bairros da periferia de Natal, em que a própria história e geografia desses bairros asseguraram a parceria muito produtiva entre o Serviço Social, áreas de saúde, de educação, arquitetura e etc.

O Curso de Serviço Social foi reconhecido através do Decreto nº. 40066, de 04 de outubro de 1956, e agrega-se a Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1958. Foi federalizada pelo Decreto Lei nº. 997, de 21 de outubro de 1969.

Registro o meu reconhecimento a maior impulsionadora do processo de federalização da escola, a profa. Maria das Dores Costa, que de 1966 a 1974 foi diretora da escola e de 1974 a 1976 foi coordenadora do Curso de Serviço Social e Chefe do Departamento.

A escola foi transformada em Departamento e Curso de Serviço Social em consequência da implantação da Reforma Universitária, conforme Resolução 02/74 - CONSUNI, de 04 de fevereiro de 1974.

## 5. Sobre a seca de 1958

A liderança da Igreja Católica e sua contribuição à criação da SUDENE, além das repercussões na Escola de Serviço Social desse grande acontecimento regional.

A periodicidade secular da seca e os efeitos danosos das constantes invasões e saques nas cidades interioranas, migrações em massa, esvaziando o campo e provocando a inchação das capitais nordestinas, é o que levaram já a "partir de 1956, no I Encontro dos Bispos do Nordeste, realizado em Campina Grande, a ganhar peso a concepção de que a única solução para o problema nordestino é o desenvolvimento, já que a pobreza, a baixa renda per capita, o desemprego e o subemprego não são provenientes das secas, mas do seu subdesenvolvimento e de sua estrutura agrária".

Foi no contexto de grande ebulição social e política, referida a seguir, que o Nordeste, foi considerado região-problema e "foco intermitente de tensões políticas e sociais [...] que transcendendo o âmbito regional vem preocupando sucessivos governos, que o consideram ameaça à segurança do país", como dizia Amélia Cohn no livro *Crise Regional e Planejamento*.

O surgimento do movimento camponês, iniciado em 1955, em Pernambuco, com as Ligas Camponesas, o aparecimento no ano de 1956 dos Sindicatos Rurais e o descrédito na ação do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), que não vinha utilizando a água represada de forma a mostrar resultados agrícolas de produtos necessários à população, são evidências desse período, o que levou Celso Furtado a afirmar que "o Nordeste provavelmente é a região do mundo em que mais água foi acumulada pelo homem para evaporar-se". (FURTADO, 1962, p. 58).

Outra insatisfação com o DNOCS estava relacionada com casos de manipulação pelos políticos dos recursos advindos para o órgão pelo governo federal, através de folhas de pagamento e outras práticas fraudulentas, inclusive no RN, que, vindo a público, deu notoriedade então à "indústria da seca".

O aumento das disparidades regionais, que se acentuava à medida que se aproximava a década de 1960, levou o governo federal a intervir na região de forma técnica, com características desenvolvimentistas, criando o Grupo de Trabalho de Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) sob a liderança do economista Celso Furtado, e arregimentando a própria Igreja Católica para debater o assunto.

Citando Tamer, em seu livro "Crise Regional e Planejamento", publicado em 1973, Amélia Cohn (1976) destaca:

[...] não se pode negar à Igreja Católica o mérito de ter sido a primeira a despertar para o problema da fome no Nordeste. Teve ela a primazia de erguer a voz contra uma situação que todos conheciam mas se recusavam a admitir.

Tamer referia-se à 1ª Reunião dos Bispos do Nordeste, realizada em Campina Grande em 1956, na qual o próprio Presidente da República Juscelino Kubitschek esteve presente.

Sobre o II Encontro dos Bispos do Nordeste realizado em Natal, na Escola de Serviço Social, afirma o jornal *A República* (em 10/05/59) que

[...] ao contrário do que muita gente poderá pensar, o II Encontro dos Bispos a se realizar em Natal, nos próximos dias 24, 25 e 26 do corrente, não será uma reunião privada dos prelados da Igreja Católica. Contará com a participação de técnicos, industriais e economistas que, juntamente com os bispos nordestinos, discutirão os Projetos e a contribuição que a Igreja poderá dar ao Plano de Recuperação do Nordeste, do governo federal.

A organização do I e II Encontro teve como figura central o então Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Hélder Câmara.

Chegando a Natal no dia 23 de maio de 1959, para ultimar os preparativos dessa grande reunião, Dom Hélder se dirigiu, através do microfone da Rádio Nordeste, ao povo do Rio Grande do Norte, exaltando a obra administrativa dos bispos norte-rio-grandenses Dom Eugênio Sales, Dom Eliseu Mendes e Dom Manoel Tavares.

O temário da reunião, ocorrida na Escola de Serviço Social, constou de duas partes:

*Parte Preliminar:* balanço do que foi executado após as deliberações do I Encontro de Campina Grande, quando foi apresentado o “saldo positivo demonstrado pelos prelados, com o cumprimento de suas respectivas responsabilidades”.

Nessa reunião, foi avaliado o trabalho realizado por Dom Eliseu Mendes, Bispo de Mossoró, através de sua eficiente obra social, nos vales secos de Açu e Apodi, colaborando também com o vale do Jaguaribe no Ceará. O trabalho ali executado conseguiu provar que “basta honestidade”, para proporcionar ao nordestino condições para fixar o homem nas regiões semi-áridas, mesmo em períodos de maior estiagem, como a que ocorreu na seca de 1958.

O resultado dessa ação foi o trabalho de conclusão de curso (TCC) da profa. Maria do Nascimento Bezerra, defendido na Escola de Serviço Social no ano de 1959, cujo nome remetia a “Dez meses de Missão Rural no Vale do Jaguaribe”.

Além desta ação, foi possível ainda o jornal *A República* observar o volume de trabalho posto em prática, “numa comprovação do interesse tomado pela solução dos grandes problemas regionais”.

A segunda parte do temário referia-se às seguintes propostas:

- Educação de Base;
- Artesanato e Cooperativismo;
- Assistência à Maternidade;
- Estudos sobre a Reforma Agrária;
- Humanização das Migrações Internas.

A grande estratégia formulada por Celso Furtado para a SUDENE dizia respeito a três pontos, transcritos a seguir, que traduziam uma mudança de rumos na política regional. Essa mudança, proposta como uma estratégia para esse órgão singular, que é a SUDENE, trouxe grandes esperanças para a população nordestina.

Em primeiro lugar, Celso Furtado afirmava: "Consideramos que é necessário abordar o problema do Nordeste como um problema de desenvolvimento, isto é, de um ponto de vista positivo e dinâmico". E acrescentava: "deve-se evitar a excessiva ênfase dada a um aspecto negativo do complexo regional, como é o caso da 'seca' como determinante da problemática regional".

O segundo ponto dessa estratégia está inteiramente ligado ao anterior: não seria possível solucionar o problema do Nordeste, limitando nossa preocupação ao setor público.

O terceiro ponto trata de manter estreitamente unidos a ação técnica e o comando político. Quando afirmamos que a SUDENE é um órgão estritamente técnico, queremos dizer que ela é independente de toda injunção político partidária. Mas não existe Plano de Desenvolvimento sem política de desenvolvimento, e nenhuma política pode alcançar eficácia sem o apoio dos centros principais do poder político. E concluía Celso: "[...] o que singulariza a SUDENE, todavia, é que nela a técnica e a política estão isoladas em dois planos distintos" (FURTADO, 1962).

Com a repercussão da ação episcopal realizada após o I Encontro dos Bispos, em Campina Grande (1956), e os pontos estratégicos anunciados e que caracterizavam a singularidade da SUDENE, não foi difícil que temáticas como desenvolvimento, planejamento, reforma agrária, associativismo etc., instituições como CNBB/SUDENE e autoridades como Dom Hélder e Celso Furtado passassem a fazer parte do imaginário de professores e alunos de Serviço Social, a partir de 1960.

As disciplinas Seminários de Temas Atuais (1962-63), Política Social (1962), Desenvolvimento de Comunidade (1963) e Planejamento Social (1970) revelavam o interesse e preocupação de não só estudá-los, mas, de se instrumentalizar de novas técnicas, além de refletir sobre o temário do II Encontro e também conhecer com maiores detalhes os 30 decretos examinados no Palácio São Joaquim, sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no Rio de Janeiro, onde foram analisados por um grupo de técnicos, ligados ao episcopado, nas presenças de Dom

Hélder Câmara, Secretário Geral da CNBB, e do representante da Casa Civil da Presidência da República, com a representação de órgãos federais que iriam executar as ações decorrentes das sugestões feitas pelos Bispos.

O jornal *A República* de 19/06/1959 informa:

Os problemas de estrutura agrária foram os que mais decretos provocaram, oito, sendo os restantes referentes a Agricultura e Abastecimento, Educação Base, fundamentada nas Escolas Radiofônicas, Saúde (com ênfase na maternidade e infância) migrações internas (transformação das hospedarias de 'retirantes'), e postos de distribuição de emigrantes nordestinos.

As repercussões desses fatos para a Escola de Serviço Social de Natal estão demonstradas no Relatório final da Administração da profa. Maria das Dores Costa, relativo ao período 65/75.

Referem-se essas repercussões à:

- a) realização de Cursos promovidos em Natal e que foram financiados ou assessorados pela SUDENE, que discorriam sobre temáticas, referentes a técnicas de Programação, Desenvolvimento de Comunidade, Dinâmica Organizacional etc.;
- b) realização, em Recife, de quatro Encontros com as Escolas de Serviço Social do Nordeste.

A articulação entre a SUDENE e as Universidades Regionais foi feita pela Divisão de Ação Comunitária, criada dentro do Departamento de Recursos Humanos da SUDENE.

Essa Divisão, formada por um número considerável de Assistentes Sociais ao lado de outros profissionais da área de Ciências Sociais, se constituiu numa surpreendente e promissora novidade dentro de uma organização cuja meta principal era efetivar o processo de industrialização regional.

Dessa equipe de assistentes sociais participou a profa. de Política Social da Escola de Natal, Maria Julieta Costa Calazans, que em 1959 defendia o seu TCC sobre a temática Sindicato, SESI e Serviço Social.

Transferida para o Recife na década de 1960, a profa. Julieta participou da gestão do prof. Fernando de Oliveira Mota, substituído do economista Celso Furtado, destituído do cargo pelos dirigentes do movimento militar de 1964.

Com o apoio decisivo do prof. Fernando Mota, sob a inspiração do Reitor Onofre Lopes e a colaboração da então diretora da Escola de Serviço Social foi criado o Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária da UFRN (CRUTAC), inaugurado em 02 de agosto de 1966, na cidade de Santa Cruz.

Os resultados advindos dessa experiência rural iniciada na UFRN interessou ao Ministério da Educação, quando era ministro o coronel Jarbas Passarinho, e levou a SUDENE a instalar CRUTACs em outras universidades nordestinas, a partir de 1970, depois de um Encontro realizado na sede do órgão em Recife, coordenado pela profa. Maria das Dores Costa.

No quinquênio 1970 - 1975, o CRUTAC da UFRN, que foi dirigido pela assistente social profa. Maria do Nascimento Bezerra, trouxe contribuições valiosas na integração entre alunos de Serviço Social e alunos de Medicina, Direito, Farmácia, Odontologia, Educação e Engenharia.

O relatório final da administração da profa. Maria das Dores Costa fala ainda sobre a assinatura de dois Convênios, celebrados entre a Escola e a SUDENE, nos anos 1967-68 e 69.

Esses convênios tinham como finalidade "um programa de melhoria e reequipamento, pagamento de professores, por serviços prestados na execução do convênio, livros para a biblioteca e pagamento da reunião preparatória ao 1º Seminário de Integração do Ciclo Básico".

O movimento estudantil na Escola de Serviço Social sofreu influências do II Encontro dos Bispos, quando os alunos colocaram o nome de D. Hélder Câmara como patrono do seu diretório.

Com o nome anterior, de Maria Kiehl, conforme nos fala o livro *Memória da Escola de Serviço Social*, sabe-se que esse movimento teve destacada atuação na vida universitária natalense. Comprovando essa afirmativa citamos a participação dos estudantes na fundação da Juventude Universitária Católica (JUC) em

1952, quando estava na direção da escola a profa. Margarida Maria Souto Filgueira.

No período 1960-61, quando chefiava a escola, a profa. Clélia Vale Xavier, em substituição à profa. Margarida, a Escola de Serviço Social de Natal foi a primeira instituição de Ensino Superior a aprovar a “participação de alunos em órgão colegiados das universidades na proporção de um terço dos seus membros”. Essa conquista dos estudantes teve grande repercussão no meio estudantil universitário local e atendeu a um movimento de caráter nacional, segundo nos informa a profa. Joana Darc Cabral de Azevedo.

Infelizmente o movimento militar de 1964 silenciou de forma impositiva não só a luta estudantil mas as ações de Dom Hélder, Celso Furtado e do próprio Presidente Juscelino Kubitschek.

## **6. Primeira experiência: Plano de Ação Departamental 1978-1982**

Ao chegar a Chefia do Departamento em 9 de março de 1978, tinha uma preocupação: saber que caminhos deveria tomar para satisfazer estudantes que se revelavam “angustiados” com a prática do Serviço Social.

Essa angústia foi revelada em 1974 na manifestação transcrita no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), da então aluna Ilza Brandão de Araújo, hoje Pró-Reitora de Extensão da UFRN, que oferecendo aos colegas o esforço acadêmico desenvolvido, assinalava com destaque: “Aos estudantes de Serviço Social que, como eu, sentem a incerteza e angústia, pela indefinição daquilo que vamos realizar”.

Esse trabalho resultou no seu estágio em planejamento, orientado pela profa. Maria Pepita Vasconcelos de Andrade, e que “estudou em sua primeira parte a fundamentação teórica sobre objetivos educacionais para analisar em seguida os objetivos do Plano Geral de atividades do Departamento de Serviço Social”.

Essa manifestação expressa de uma aluna às suas colegas trouxe uma questão para mim na hora que assumia a chefia do

Departamento: Como avançar em minha administração de forma a realizar ações que pudessem trazer mais satisfação ao ensino e à prática dos alunos?

Utilizando como minhas as palavras da profa. Crinaura Dantas Cavalcante – na apresentação do documento, que festejava em 1985 os 40 anos da escola –, expressei os questionamentos vivenciados entre os que faziam Serviço Social naquele momento:

“O Serviço Social ontem e hoje. Indefinições, lutas, questionamentos. Assistencialismo e tecnicismo. Funcionalismo, reprodução das relações sociais. Dialética e transformação social”.

Foi como pensei o avanço. Partir do ontem para que pudessemos identificar os equívocos que hoje pudessem ser reformulados.

A pesquisa institucional deveria se fazer presente nas atividades do DESSO. Foi daí que pensei a criação de um Setor de Documentação, como pré-condição para formulação de um projeto de pesquisa sobre a memória da Escola de Serviço Social.

A experiência no campo da Biblioteconomia, de organização e implantação de um Setor de Documentação Especializado, contou com apoio integral da amiga e então diretora da Biblioteca Central, a bibliotecária Zila Mamede, que trouxe a Natal a bibliotecária Gilda Verri, da Universidade Federal de Pernambuco.

Em outubro de 1978, com a minha participação conjuntamente com a profa. Maria do Nascimento Bezerra e Maria de Lourdes Miranda e o assessoramento técnico da profa. Gilda, foi elaborado o Plano de Organização desse Setor.

A idéia do Setor de Documentação nasceu da necessidade de se criar um suporte de informação capaz de apoiar pesquisas que visassem o fortalecimento do ensino, centrado na análise da prática institucional que é realizada pelos assistentes sociais.

A participação de Zila nesse esforço do DESSO cresceu no sentido de conseguir uma vaga no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia do CNPq, em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, para que um profissional de Serviço

Social pudesse fazer o Curso de Especialização em documentação científica.

A seleção feita entre vários profissionais resultou na escolha da assistente social Francisca Bernardo, que, de março a setembro de 1979, foi para o Rio de Janeiro, ficando habilitada para dirigir o setor encarregado não só de reunir, organizar e recuperar informação mas orientar do ponto de vista de organização e apresentação e elaboração de trabalhos acadêmicos.

Outra ajuda recebida de Zila foi a indicação da bibliotecária Gildete Moura de Figueirêdo para, na Biblioteca Central, coordenar o treinamento da funcionária Fátima Cardoso, que se responsabilizaria pela administração do setor de documentação do DESSO.

Em termos de produtos obtidos nos níveis de ensino, pesquisa e divulgação destacamos quatro:

*No Ensino* obtivemos a inclusão no Currículo de Serviço Social da disciplina Introdução e Metodologia da Pesquisa Bibliográfica, no 4º nível do curso de graduação, a partir de 1980, pertinente ao aperfeiçoamento do Trabalho de Conclusão de Curso, denominado hoje de monografia.

*No campo da Pesquisa*, viabilizou-se o levantamento de 315 Trabalhos de Conclusão de Curso, elaborados por 436 alunos concluintes no período 1949-1978 e a elaboração do Projeto Memória da Escola de Serviço Social, aprovado pela Resolução 95, de 27 de julho de 1980, do CONSEPE.

*Ao nível de Divulgação*, destacamos a circulação do "Boletim Informativo" e dos "Cadernos de Serviço Social", imprescindíveis à efetivação do segundo e terceiro objetivos definidos para o setor: estimular a produção de documentos e divulgá-los como forma de interação entre docentes, discentes e profissionais que exerciam nos campos de estágio a supervisão da prática discente.

Outra atividade de pesquisa institucional assumida pelo Plano de Ação Departamental refere-se à Pesquisa Nordeste, resultante da decisão das Escolas de Serviço Social da Região tomada em

abril de 1977, quando, reunidas em Mossoró visando “elaborar uma proposta de reforma curricular a ser apresentada em setembro do mesmo ano, na XX Convenção Nacional de ABESS, em Belo Horizonte”, concluíram pela urgente necessidade de ser estudada objetivamente a prática profissional do Assistente Social face a emergência de novas demandas.

Essa conclusão do grupo foi referendada em Belo Horizonte, quando se conseguiu adiar para o ano de 1979, a apresentação de uma nova proposta curricular durante a XXI Convenção de ABESS, a ser realizada em Natal no ano de 1979.

A pesquisa foi assessorada pelo sociólogo belga Jean Roberts Weisshaupt da Escola de Serviço Social da Universidade de Aracaju, que em 1977 se transferiu para a UFPB, com o objetivo de colaborar na implantação do Mestrado de Serviço Social, ligado ao Centro de Ciências Sociais.

Em agosto de 1977 como informa esse sociólogo no livro *As Funções Socioinstitucionais do Serviço Social*, o “Departamento de Ciências Sociais da UFPB convida representantes das diversas Universidades para integrar seus esforços visando dar respostas aos supostos pontos de estrangulamentos do ensino teórico prático de Serviço Social”.

Estiveram presentes nessa ocasião representantes das universidades da UFPB, da UFRN, da UFPE, de Alagoas e da Fundação Universidade de Sergipe, quando se decidiu “pela montagem e execução de uma pesquisa exploratória, em âmbito regional, sobre a prática do Serviço Social tal como se apresenta no cotidiano do assistente social.

Em cada Estado, as unidades de ensino, na medida de suas possibilidades, constituíram grupos de trabalho responsáveis pela execução da pesquisa.

Em abril de 1979, foi elaborado um relatório preliminar num Encontro Regional de Natal, que serviu como subsídio para a discussão da reforma curricular na XXI Convenção Nacional de ABESS, realizada em Natal em setembro do mesmo ano. Na ocasião decidiu-se pelo prosseguimento da pesquisa, face à conclusão de que os objetivos haviam sido atingidos apenas parcialmente.

A partir daí, o patrocínio do projeto coube ao Departamento de Serviço Social da UFRN, e algumas modificações foram introduzidas, tais como:

- centralização da Coordenação Regional, que passou a ser exercida pelo Departamento de Serviço Social da UFRN, na pessoa do prof. Domício Rosendo da Silva Filho;
- inclusão de profissionais não docentes nas equipes locais de pesquisa;
- ampliação do universo a ser pesquisado, com a inclusão da Universidade Federal do Piauí e da Associação Profissional de Assistentes Sociais do Estado do Maranhão.

Vale destacar que entre a apresentação do relatório preliminar e a retomada do projeto houve uma interrupção de meses, enquanto se aguardava a liberação de recursos pela UFRN.

Aproveitou-se essa ocasião para realizar em Natal em abril de 1980 um treinamento para os novos componentes da equipe, no intuito de assegurar sua inserção no referencial teórico da pesquisa.

Com a retomada do processo foram desenvolvidas as seguintes atividades:

- treinamento da equipe, para análise dos dados, realizado em maio de 1981;
- assessoramento técnico às equipes para elaboração de relatórios sobre a prática do Serviço Social, nos respectivos Estados, em julho de 1981;
- Seminário Regional de Síntese, realizado em Natal para a estruturação do *relatório regional*, a partir dos estudos locais apresentados pelas equipes dos Estados da Bahia, de Sergipe; da Paraíba; do Rio Grande do Norte e do Maranhão em março de 1982.

Da equipe local participaram os professores Maria Lúcia Santos Ferreira da Silva, Domício Rosendo da Silva Filho, Maria Célia Correia Nicolau, Maria Pepita Vasconcelos de Andrade,

Denise Câmara de Carvalho, Clélia Vale Xavier, Amaurile da Rocha Bezerra, Celina Nunes Alves e Zélia Maria Rodrigues.

Falando sobre *As funções socioinstitucionais de Serviço Social*, a profa. Lúcia Santos no seu discurso proferido na aula da saudade dos bacharelandos de Serviço Social em 11 de dezembro de 1979, diz com muita propriedade:

As dificuldades a enfrentar são imensas. A análise da prática do Serviço Social que fizemos revela a complexidade dos problemas que envolvem a nova posição do Serviço Social. [...] a realidade é contraditória e os objetivos por representarem a projeção dos nossos ideais nem sempre são atingidos em sua plenitude. Mas, o importante é de se ter em vista a opção que fizemos e o grande projeto que está a espera da união de todos nós, força de trabalho profissional (CADERNOS DE SERVIÇO SOCIAL. v. 2. jan. jun. 80. p. 4).

Falando sobre as significativas modificações no currículo, aprovado pela Resolução 169/84 – CONSEPE, o prof. Domicio Rosendo da Silva Filho, então chefe do Departamento, explicitou os pressupostos adotados, nos Cadernos de Serviço Social, Edição Especial em comemoração ao cinquentenário do Curso, no ano de 1995:

- Compreensão do processo de formação da sociedade brasileira no sentido de apreender os determinantes históricos da evolução do capitalismo no país, e das relações de classe que o sustenta, a partir de uma articulação da estrutura com a dinâmica conjuntural;
- Compreensão do ensino como processo coletivo de produção do conhecimento, desmistificando a privatização do saber como um dos mecanismos de legitimação e de justificação das contradições fundamentais da sociedade e das relações sociais que delas decorrem;
- Concepção da Profissão como uma prática política que na sua atuação junto a sociedade civil articula-se teórica e praticamente com o projeto social das classes pauperizadas

em suas relações com as forças dominantes da sociedade (CADERNOS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL, 1991, p. 2).

Concluo este capítulo fazendo uma homenagem póstuma ao prof. Jean Roberts Weisshaupt, recentemente falecido, que, com seu saber, sensibilidade, competência e persistência, contribuiu para o aperfeiçoamento do ensino e prática profissional, seja na Divisão de Ação Comunitária da SUDENE, como consultor, seja no Mestrado de Serviço Social da Paraíba e na coordenação geral da Pesquisa Nordeste. Hoje, ao retornar ao meu Centro, como participante do seu XI Seminário de Pesquisa, depois de 23 anos de ausência do meu Departamento digo, aos presentes que o aprendizado adquirido pelo ensino de Serviço Social e na gestão acadêmica desse Departamento muito enriqueceu o meu conhecimento sobre a vida, os homens e o mundo.

Agradeço a todos os meus colegas de então que hoje estão presentes, professores e pessoal de apoio que participaram ativamente do esforço desenvolvido pela Ação Departamental 1978-82.

## **7. A correlação entre o Departamento de Serviço Social e a Problemática da Seca, como parte do Projeto Rio Grande do Norte: ação institucional inovadora do Plano de Ação da Universidade 1982-1983**

Foi iniciada através de um projeto pessoal quando, em 1979, participei em Mossoró, como convidada pela Província Eclesiástica do Rio Grande do Norte, para pensar com o clero, sindicatos rurais e professores da ESAM, sobre as repercussões sociais do projeto Baixo-Assu que dizia ter por objetivo “combater os efeitos da seca”.

O entusiasmo ao assumir pessoalmente esse projeto diz respeito a minha própria história de vida, ligada à seca através de situações vivenciadas por familiares e por mim própria.

- a condição de meu pai ter sido *retirante de seca* que, em 1916, migrou do Seridó para o vale do Assu, em busca de melhores condições de vida;

- a coragem e talvez “ousadia” de meu avô, como pequeno produtor do Seridó, de se dirigir diretamente ao Presidente Vargas, solicitando a suspensão da construção do Açude Oiticica, no município de Jucurutú, pelo motivo, dizia ele, de alagar um grande número de propriedades de pequenos produtores desse município. A correspondência telegráfica mantida entre meu avô, Getúlio, e os dirigentes do DNOCS, hoje em meu poder, foi encontrada por mim nos arquivos dessa organização;
- ter presenciado com grande apreensão a primeira invasão de flagelados ocorrida na cidade de Pendências, na Seca de 1958, quando meu pai era prefeito. Nessa ocasião 500 homens aproximadamente, munidos de pás e picaretas, pediam trabalho e pão;
- a necessidade imperiosa de, conjuntamente, com representantes da igreja, sindicatos e habitantes do Vale do Assu, minha terra natal, lutar pela clareza de pontos obscuros do projeto Baixo-Assu, que, por ter passado 10 anos sem nada informar dos seus reais objetivos às populações locais, só causava apreensão e incertezas;
- e, finalmente, por não ter estudado de forma sistemática na Escola de Serviço Social sobre o poder que emerge do fenômeno seca, como gerador de riquezas para uns e pobreza para outros, apesar de ter sido ela determinante de sua própria criação, em decorrência das graves repercussões em Natal da seca de 1942.

Com essa “geografia da memória”, não foi difícil aceitar em 1980 a designação do Diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, prof. Paulo Fernandes Soares de Souza, para participar da Comissão Técnica, encarregada da elaboração do Projeto Rio Grande do Norte (PRN) que se caracterizava como uma ação inovadora do Plano de Ação da UFRN para o período 1980-83.

Para o Projeto Rio Grande do Norte, foram definidos três temas considerados como *pesquisas de base*, referentes ao Sistema Produtivo, Sistema de Poder e Situação de Vida das Populações,

além de um conjunto de *pesquisas auxiliares*, derivadas de temas importantes para o Estado.

A primeira *pesquisa auxiliar* definida foi a Problemática da Seca no Rio Grande do Norte que foi se construindo preocupada com as três funções básicas da universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão.

A melhoria do ensino seria atingida com a busca, seleção e disseminação de informações sobre o fenômeno e suas repercussões no Estado.

A pesquisa seria realizada através da elaboração de um novo saber sobre a seca e a extensão seria efetuada através de Feiras de Arte, Ciência e Tecnologia e Encontros Municipais.

Na exposição colocada na sala F2 desse setor – *Seca, Imagem, Som e Conhecimento* – vocês encontrarão entre as opiniões dadas por diversas autoridades sobre o programa, informações a respeito da I Feira de Arte, Ciência e Tecnologia, realizada em 1984 pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRN com apoio do CNPq. Dois Encontros municipais foram realizados na cidade do Assu, como área selecionada para acompanhamento do Projeto Baixo-Assu. O primeiro versou sobre a devastação dos carnaubais, e o segundo sobre a produção da UFRN em pesquisas, dissertações de mestrado e teses de doutorado, referente à área e ao projeto.

## **8. Contexto Institucional do Programa “A Problemática da Seca no Rio Grande do Norte: PDCT/NE – ESAM, CNPq/IBICT e FUNPEC**

O Projeto Rio Grande do Norte, apesar de seu caráter inovador, não vingou, terminando suas atividades em 1981\*.

Na reunião em que o grupo que fazia o PRN, convocada pelo então Reitor, recebeu com surpresa essa notícia, eu, possuída da ousadia do meu avô, afirmei: Fico com a Problemática da Seca, e

\* Apesar de desativado o PRN em 1981, o conteúdo de suas produções foi objeto de publicação nas revistas Rascunho, do Departamento de Arquitetura, e Cadernos da FUNPEC, editados em 1982 e 83.

vou procurar recursos fora da UFRN para mantê-la. E assim fiz. A primeira porta a ser batida foi a do grande Vingt-Un Rosado, então Diretor da Escola de Agronomia de Mossoró (ESAM). Ali encontrei o compromisso necessário para o aporte financeiro, através do Programa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Nordeste (PDCT-Nordeste), a ser coordenado pela ESAM.

Nesse mesmo ano, de 3 a 5 de dezembro, na qualidade de coordenadora do programa A Problemática da Seca, participei em Recife da reunião promovida pela Agência Regional do CNPq para apresentação do referido programa, que remetia para a “necessidade de fortalecimento e vinculação das universidades nordestinas com os problema regionais”.

Credenciada como Pesquisador III, nível C do CNPq, no ano de 1985, pude orientar a partir de agosto de 1989 até julho de 1994 18 bolsistas de Iniciação Científica patrocinados pela coordenadoria de Ciências Sociais Aplicadas do CNPq, através do Instituto de Pesquisa em Ciência e Tecnologia (IBICT).

No ano de 1992, o programa da seca teve seu credenciamento junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação para institucionalização dos Núcleos Temáticos de Pesquisa da UFRN, quando passou a denominar-se Núcleo Temático da Seca e do Semi-árido.

Em 1994, ficamos vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UFRN, com duas Bases de Pesquisa, ou seja, Centro de Documentação e Informação sobre Seca e Semi-árido (CEDISA) e o Grupo de Estudos sobre Seca e Semi-árido (GERA).

Com essa vinculação à Pró-Reitoria de Pesquisa, o CNPq foi paulatinamente transferindo suas bolsas para o PIBIC, na UFRN. Com esses bolsistas é que conseguimos realizar a maioria dos Catálogos Bibliográficos, produção básica do Programa, que já contém mais de 10 mil informações registradas e dão forma às atividades do Pesquisador Aprendiz.

Embora essas Bases de Pesquisa se integrassem a partir de 1992 ao PIBIC da Pró-Reitoria de Pesquisa, com vistas à formulação de projetos, continuamos marginalizados das formalidades

da burocracia acadêmica. Essa situação de marginalidade mantida durante 15 anos foi providencial, no sentido de dar condições de realização – com professores e alunos de distintas áreas de saber – de Projetos de Pesquisa sobre:

- A situação física, social, econômica e política da seca no Rio Grande do Norte.
- As condições de vida dos pescadores na Lagoa do Piató no município de Assu.

Embora nos mantivesse nessa situação, tínhamos consciência da necessidade de inserção do Núcleo às instâncias administrativas da universidade, se quiséssemos avançar no ensino, na pesquisa e na extensão.

A solução dessa situação ocorreu em 4 de janeiro de 1995, com a portaria nº 001/95 da Reitoria da UFRN, publicada em 17 de fevereiro do mesmo ano, e que integrou a partir de então o Núcleo Temático da Seca à estrutura administrativa do Centro de Ciências Sociais Aplicadas.

Daí nossa presença hoje, neste Seminário de Pesquisa, onde os que aqui vieram vão ter conhecimento durante todo o dia das barreiras institucionais que vêm dificultando nossa ação, das nossas intenções programáticas e da correlação das disciplinas de Biologia, História, Química e Economia com o Nut-Seca, cujos trabalhos serão apresentados por dedicados professores que, apesar de aposentados, não se desvincularam do programa, e por alunos com bolsas de apoio na condição de pesquisador aprendiz.

À profa. Raimunda Gonçalves de Almeida, aposentada pelo Departamento de Biologia, Ecologia e Zoologia do Centro de Biociências, e à profa. Marlene Mariz, aposentada pelo Departamento de História do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, o meu fraterno agradecimento pela colaboração mantida ao longo dos anos com o objetivo de fortalecer e revitalizar o Nut-Seca.

A Jair do Nascimento de Carvalho, velho companheiro de lutas. Dos 25 anos do Nut-Seca, completados agora em 2005, treze você está conosco. Nesses treze anos você tem acompanhado com

dedicação os avanços e recuos que caracterizam a construção dessa história. Nossa luta na atual conjuntura é pela revitalização do Núcleo. Para isso você decidiu se especializar em Gestão Estratégica em Sistema de Informação, curso oferecido pelo Departamento de Biblioteconomia. Com esse aprendizado, você tornar-se-á mais apto para se articular com maior facilidade com todos os profissionais ligados à área da Ciência da Informação.

E às alunas Jainara de Carvalho, Ana Tatiane Melo de Freitas e Iêda Xavier de Oliveira, alunas dos cursos de Economia, Química e Aqüicultura, que mesmo contempladas com bolsas de apoio, de inexpressivo valor, vem se dedicando à aquisição de um novo saber sobre o fenômeno da Seca, sua correlação com as respectivas disciplinas curriculares, além de, como é o caso de Jainara, responsabilizar-se pela atualização do nosso site ([www.nutseca.ufrn.br](http://www.nutseca.ufrn.br)), construído com muito carinho pelo Dr. em Matemática Sílvio José Bezerra, coordenador do Laboratório Virtual da UFRN.

## **9. Segunda experiência: o Núcleo Temático da Seca, como mecanismo de contraponto com a História Oficial Celebrativa**

Marilena Chauí diz com muita propriedade que “a função do velho é lembrar e aconselhar, viver o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir”, além de acrescentar que só a lembrança dos velhos pode nos salvar da “história oficial celebrativa” que, desconhecendo a vida real, “triumfa e pisoteia a tradição dos vencidos”.

Com o Projeto Baixo-Assu isto provavelmente não aconteça. A “Gaveta dos Guardados” que eu me dispus a construir desde 1979, a partir da coleta de documentos oficiais, informações jornalísticas, artigos de revistas, textos de debates, trazidos para UFRN no ano de 1980 e que integra hoje o acervo do Nut-Seca, certamente terá condições de mostrar a seca real que evidenciou a opressão, o medo à migração em massa, o deslocamento de cidades, o rápido empobrecimento das populações, as indenizações aviltantes e o sofrimento de muitos que perderam seus bens conseguidos com sacrifício pelos seus ancestrais, em confronto com a seca oficial,

patrocinadora da sessão de espaços ao grande capital, que não vê nem ouve o apelo dos nativos, destruindo inclusive os seus recursos naturais.

A paixão pela busca, seleção, organização e uso da informação, vivenciada a partir do Plano de Ação Departamental do Departamento de Serviço Social (1978-1982), me levou a uma parceria muito positiva com profissionais de biblioteconomia, detentores do saber bibliográfico. A eles me alicei desde aquela época, estimulada pela amiga Zila Mamede, imortalizada na Biblioteca Central da UFRN, dirigida hoje pela profa. Rildecil Medeiros que, de agosto de 1987 a janeiro de 1993, foi posta à disposição do Núcleo pela profa. Sônia Ferreira, na ocasião Diretora da Biblioteca.

Como produção relevante, a profa. Rildecil organizou a Bibliografia do prof. Otto de Brito Guerra e sua produção correspondente a 55 anos com 537 resumos. Foi publicada em 1992 pelo Senado Federal e Fundação José Augusto. Falando de Dr. Otto, não posso deixar de registrar a sua importância como estudioso do assunto, tarefa a ele transmitida pelos seus ancestrais, e a sua disponibilidade em trabalhar conosco, selecionando pessoalmente para o nosso programa todo o acervo existente em sua biblioteca sobre Seca e Semi-árido, correspondente aos anos de 1980-1983. Este acervo representado por 469 títulos foi transformado no Catálogo de Documentos do Instituto Otto Guerra, organizado pela bibliotecária Gildete Moura de Figueirêdo, foi lançado na solenidade de aposição do nome de Dr. Otto ao auditório da Reitoria da UFRN.

Pela significação que tem para o Departamento de Serviço Social deste Centro, preciso falar do documento *Uma Seca cheia de fome e de sede*, cujo levantamento e organização das informações foi feito pela aluna de Serviço Social Renata Rocha Leal de Miranda, para o projeto de pesquisa coordenado pelo prof. Roberto Marinho A. da Silva, denominado Avaliação das Políticas Públicas e Ações dos Trabalhadores Rurais na Seca de 1992-1993 no Rio Grande do Norte, da Caritas Brasileira e Arquidiocese de Natal, cuja publicação muito me gratificou. Lamento que do DESSO apenas o prof.

Roberto tenha procurado o Nut-Seca e aproveitou a ocasião para registrar a dedicação e seriedade com que esse Professor e a aluna Renata se conduziram neste trabalho que, no Nut-Seca, foi orientado pela profa. Rilda Antônia de Chacon Martins.

Por ser esta a primeira oportunidade que tive de participar do Seminário de Pesquisa deste Centro, não quero deixar de destacar todos os trabalhos desenvolvidos em parceria com o Departamento de Biblioteconomia, porta de entrada para o nosso pedido de inserção no complexo administrativo da UFRN, quando da gestão da profa. Socorro Borba em 1994. É o caso da profa. Renata Passos de Carvalho, que utilizou o nosso programa como objeto de estudo para sua dissertação de mestrado na UFPB, defendida no ano de 1988. As professoras Ântonia de Freitas Neta e Terezinha Anibas acompanharam alunos de História na busca de informações para suas monografias de curso. Com a história se fazendo, conseguimos despertar no prof. José Willington Germano, quando Pró-Reitor de Extensão, o interesse pela revitalização do núcleo. Da apresentação de sua proposta ao então Reitor, professor Ótom Anselmo, resultou a portaria nº 300/02-R, que designou uma comissão especial que em 90 dias apresentou o diagnóstico sobre os seus 20 anos de trabalho e as proposições para sua revitalização.

No desenvolvimento da construção do diagnóstico de 20 anos de trabalho e as proposições para a revitalização do Nut-Seca, eis que surge de surpresa nesta ocasião a Dra. Isa Maria Freire que, sendo natalense, aqui vinha para suas férias. Acompanhando o nosso trabalho desde os idos do Projeto Rio Grande do Norte, 1980, embora pertencente hoje aos quadros de Doutorado de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense em convênio com o IBICT/CNPq, Isa não se desvinculou dessa experiência a que pertenceu como funcionária da Fundação Norte-rio-grandense de Pesquisa e Cultura (FUNPEC) nos anos de 1980.

A ela foi entregue pela Comissão Especial nomeada pelo Reitor Ótom Anselmo o assessoramento do Diagnóstico e Proposições solicitadas pela sua Portaria. Seu trabalho exercido com grande competência “uniu o começo e o fim” de que nos fala Marilena Chauí. Para isso busca efetivar convênios entre a UFRN-Nut-Seca e o

IBICT, primeira organização a oferecer bolsas de iniciação científica para os nossos alunos como conhecedora do grande potencial informacional do Núcleo.

Enfim, não podemos deixar de registrar o trabalho das Professoras Luciana Moreira Carvalho e Mônica Marques Carvalho do Departamento de Biblioteconomia, que integradas à Comissão de Revitalização, têm se comportado com grande entusiasmo e vêm colaborando com eficiência no sentido de viabilizar a rede de projetos, como tarefa vital para o Núcleo e que será apresentada neste Seminário.

Dois agradecimentos finais para as professoras Ilza Araújo Leão de Andrade, atual Pró-Reitora de Extensão, e Maria Arlete Duarte, diretora do Centro de Ciências Sociais Aplicadas.

Para Ilzinha, permita que assim me dirija a você, minha aluna de ontem que ultrapassando a mestra se pós-graduou em Sociologia para se tornar doutora em Políticas Públicas.

Deus permitiu para alegria minha que nos reencontrássemos num momento decisivo para a vida do Núcleo da Seca, sendo você dirigente da Pró-Reitoria de Extensão onde foi iniciado o seu processo de revitalização.

Articulada com a Pró-Reitoria de Pesquisa, cujo Pró-Reitor é o professor Ananias Monteiro Mariz, foram empreendidas gestões para o fortalecimento do Nut, na ocasião em que foi criado no Ministério da Ciência e Tecnologia o Instituto do Semi-árido. A nós coube o privilégio de receber em nossa sede a visita do prof. Manoel Dantas Vilar Filho, presidente do Instituto, no dia em que estive na UFRN, para proferir a sua aula inaugural.

Tudo isso são passos consideráveis num processo de construção histórica feito por muitos e em que agora você toma parte.

Nesse processo quero destacar a disponibilidade de todos os dirigentes da FUNPEC, na pessoa do prof. Benedito Tadeu de Vasconcelos, conhecedor de que foi essa organização que durante muitos anos nos abrigou em nossos convênios realizados com a então Escola de Agronomia de Mossoró (ESAM).

Os agradecimentos à profa. Arlete, diretora do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, remontam ao início de sua gestão, quando, numa reunião promovida no auditório desse Centro com

professores de diversos Departamentos, deu espaço para que eu falasse sobre o Programa da Seca, objetivando motivá-los para o uso do Núcleo como laboratório de estágio para seus alunos.

Hoje o espaço cresceu. No XI Seminário de Pesquisa, o Nut-Seca se incorporou durante toda a sua programação. Com a exposição “Seca: Imagem, Som e Conhecimento” comprovamos nossa ação.

Desejo que a direção do Centro mais uma vez possa colaborar na tarefa de articulação entre educadores, economistas, assistentes sociais, bibliotecários, administradores, contabilistas, professores e alunos de Direito, com o objetivo de conseguir, através do potencial informacional ali existente, identificar os sinais que destacam a “Seca Real” da “Seca Oficial”.

E enfim, a todos que formam a direção central da Universidade, um agradecimento carinhoso.

## **10. Uma afirmação, um apelo e uma conclusão**

Antes de concluir esta fala, faço uma afirmação e um apelo. Neste momento o Nut-Seca está com sua energia adormecida. Poucos o procuram. Talvez pouca gente acredite no imenso potencial de informação existente em suas estantes, suas caixas e seus arquivos.

Lá tem material que assegura o estudo da Seca nos aspectos climáticos, legais, políticos, contábeis, econômicos, administrativos, artísticos, culturais e ambientais.

Acredito que essas informações sejam capazes de dar elementos para o pesquisador repensar a Seca – a partir da identificação de erros cometidos pelas gerações anteriores – como tarefa primordial da Universidade.

Aqui faço um apelo: procurem usar seus documentos como forma de conhecimento e aprofundamento de informações sobre Seca e Semi-árido.

E concluindo, faço minhas as palavras do poeta Carlos Drummond de Andrade:

"O desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não ousamos e na prudência egoísta que nada arrisca".

Natal, 24 de agosto de 2005.

## 11. Referências

### Livros

- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. [São Paulo]: Co-edição com a Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- COHN, Amélia. Crise regional e planejamento (O processo de criação da SUDENE). [S.l.]: Editora Perspectiva, 1976.
- FERRARI, Alceu. Igreja e desenvolvimento – O movimento de Natal. [Natal]: Fundação José Augusto, 1968.
- FIGUEIREDO, G. M. de. ARANHA, T. Q. Catálogo de Documentos do Instituto Otto Guerra. 1980-1983. v. 1. Natal: EDUFRN, 1997.
- FURTADO, Celso. A Pré-revolução brasileira. [S.l.]: Ed. Fundo de Cultura, 1962.
- \_\_\_\_\_. A fantasia desfeita. [S.l.]: Paz e terra, 1989.
- GOUVEIA, E. C. de. CAVALCANTI, M. C. D. DIÓGENES, M. I. MIRANDA, M. L. Memória da Escola de Serviço Social de Natal (1945-1955). Natal: EDUFRN, 1993.
- HERMÓGENES. Saúde na terceira idade – saúde no jovem, obra da natureza; saúde no idoso, obra de arte. [S.l.]: Nova Era, 1996.
- MEDEIROS, R. GALVÃO, C. P. ARANHA, T. Q. (Compiladora). Otto Guerra – Biobibliografia. Uma visão do Semi-árido – 55 anos de produção. Brasília: [S. n.], 1992.
- WEISSHAUPT, J. R. (Org.). As funções socioinstitucionais do Serviço Social. [S. l.]: Editora Cortez, 1995.

### Documentos

- CADERNOS E BOLETINS DE SERVIÇO SOCIAL, editados durante a administração da profa. Tereza Aranha, 1978/1982.
- CADERNOS DE SERVIÇO SOCIAL COMEMORATIVOS AOS 50 ANOS DA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL, 1945/1955. Administração do prof. Domício Rosendo da Silva Filho.

COSTA, M. D. Relatório final da administração. Período 1965-1975.  
DOCUMENTO, editado nos 40 anos da Escola de Serviço Social. Admi-  
nistração da profa. Justina Iva. set. 1985.

### **Jornais**

A REPÚBLICA, correspondente aos meses de maio a junho de 1959.



THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY  
540 EAST 57TH STREET  
CHICAGO, ILL. 60637

---

---

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
Oficinas Gráficas da UFRN  
Editora da UFRN, em outubro de 2005.





